



A Escalada entre Israel e Irão e os seus Ecos Globais

Impactos Económicos e nos Mercados Financeiros da escalada do conflito no Médio Oriente

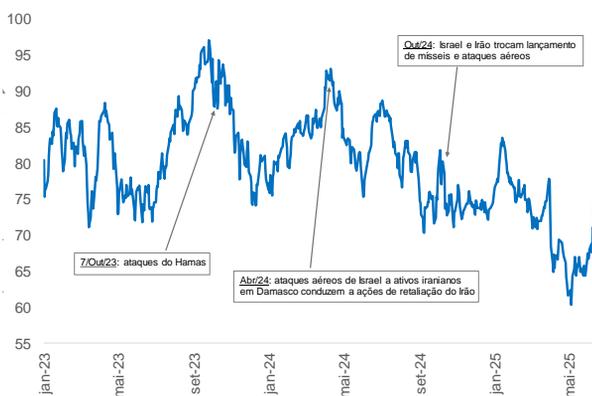
Quando, na madrugada do dia 13 de junho de 2025, os mísseis israelitas atingiram diretamente infraestruturas estratégicas no coração do Irão, nomeadamente nucleares, incluindo a já célebre central nuclear de Natanz, de projéteis balísticos de longo alcance e o porto petrolífero da Ilha Kharg, o enquadramento geopolítico no Médio Oriente entrou numa nova e perigosa fase.

O mundo habituou-se a viver com a retórica inflamada entre Telavive e Teerão, mas os eventos recentes trouxeram uma mudança qualitativa. Já não se trata apenas de manobras calculadas ou de guerras por procuração em teatros terceiros. Pela primeira vez em décadas, Israel e Irão envolveram-se num confronto militar direto, visível e com impacto global imediato. Os mercados não tardaram a reagir. O preço do petróleo Brent, na última 6ª feira, chegou a subir mais de 10%, e o ouro, considerado ativo de refúgio, quase 2%. Em contraposição, no mesmo dia, os mercados acionistas dos EUA e da Área Euro, desvalorizaram ambos cerca de 1%. Os mercados financeiros enfrentam agora a incerteza sobre se o conflito será regional, ou poderá resvalar para um de contornos globais?

foram cirúrgicos e simbolicamente devastadores: para além das referidas infraestruturas energéticas e nucleares, visou também figuras-chave do programa militar iraniano, incluindo o Chefe do Estado-Maior, e diversos cientistas. O Irão respondeu com centenas de drones e mísseis, a maioria dos quais foi abatida pelo sofisticado escudo antimíssil israelita, frequentemente reforçado por tecnologia e informações norte-americanas.

Ambas as partes parecem empenhadas em manter a escalada dentro de limites geríveis. O Irão evita ataques a alvos americanos ou a instalações petrolíferas sauditas, enquanto Israel, apesar da contundência, não demonstra interesse em provocar um colapso interno do regime iraniano.

Preço do Petróleo Brent (USD/barril)



Fonte: US Energy Information Administration

Uma Guerra Lenta e Calculada

Israel e Irão há muito travam uma guerra na sombra - com ciberataques, sabotagens e operações clandestinas que raramente têm destaque nas fontes noticiosas internacionais. Mas desde o ataque iraniano de abril de 2024 a Telavive, e a resposta israelita, marcando uma grande escalada nas hostilidades regionais, a dinâmica mudou. Desde a primeira ação, os ataques israelitas

O Estreito que Move o Mundo

No entanto, o que mais assusta os investidores é o que pode acontecer no Estreito de Ormuz. Cerca de 30% do petróleo mundial transportado por mar atravessa esse corredor marítimo. O Irão tem capacidade militar para bloquear o estreito, mas tal poderá resultar num confronto quase inevitável com os EUA, para além do envolvimento de outros países exportadores de matérias-primas energéticas da região. Para já, os responsáveis iranianos parecem optar por manter a ameaça latente, preservando uma carta de negociação sem desencadear uma resposta devastadora.

O Irão enfrenta agora uma escolha crucial: procurar um avanço nuclear, com uma arma potencialmente alcançável em poucos meses, ou regressar às negociações sob o peso de severas sanções económicas. Um avanço alteraria significativamente o equilíbrio regional e desencadearia, quase de certeza, uma intervenção militar dos EUA.

A incerteza sobre uma possível disrupção no fluxo de petróleo do Golfo Pérsico é suficiente para gerar um aumento substancial da volatilidade nos preços da energia. O Irão produz cerca de 3,3 milhões de barris/dia de crude e exporta cerca de 1,7 milhões de barris/dia. ...

... A perda desta oferta de exportação eliminaria grande parte do excedente que atualmente existe e aumentaria a cotação do barril. Para além disso, as empresas de transporte marítimo já aumentaram os prémios de seguro para atravessar a região e algumas petrolíferas estudam rotas alternativas, apesar de menos eficientes.

O gás natural, essencial para a segurança energética da Europa e da Ásia, também está sob pressão. Embora os fluxos de GNL iraniano não sejam tão relevantes como os do petróleo, o Qatar é o terceiro maior exportador de GNL, representando cerca de 20% do comércio global, com toda a sua exportação a transitar pelo estreito, pelo que, qualquer escalada poderá rapidamente contagiar os mercados de gás, incrementando os custos logísticos e elevando a incerteza sobre a fiabilidade dos fornecedores da região.

Poderá o conflito no Médio Oriente causar o regresso do espectro inflacionista?

Para os bancos centrais, esta crise representa um dilema. Há dez anos, as autoridades monetárias, incluindo a Reserva Federal (Fed), teriam considerado uma subida do preço do petróleo como indutor de pressões em baixa para as taxas de juro. O crescimento mais fraco superava normalmente as preocupações com um pico de curta duração no crescimento dos preços da energia. Contudo, este pensamento mudou consideravelmente desde os impactos negativos gerados pela pandemia de Covid, a partir do início de 2020, sobre as cadeias de abastecimento. Nos últimos meses, dados os preços mais baixos da energia, o Banco Central Europeu, e um número elevado de outros bancos centrais, têm reduzido as taxas diretoras e a Reserva Federal norte-americana é apontada por alguns economistas, como estando a preparar-se para reiniciar o ciclo de descida de taxas. Mas um choque energético significativo, e duradouro, pode rapidamente devolver a inflação aos níveis que poderão ser considerados por estas autoridades como preocupantes, colocando constrangimentos substanciais à possibilidade de flexibilização das políticas monetárias.

O aumento dos preços da energia terá efeitos em cadeia: elevará os custos de produção, encarecerá os transportes e poderá, uma vez mais, pôr pressão sobre os salários. A tão esperada convergência para taxas de inflação próximas dos 2% pode, assim, revelar-se mais difícil. Se o conflito permanecer dentro de limites regionais, os bancos centrais poderão tolerar picos temporários de inflação. Mas se a escalada atingir

proporções mais vastas, como o bloqueio do Estreito de Ormuz ou as represálias iranianas gerarem efeitos colaterais sobre as infraestruturas petrolíferas sauditas, ou dos Emirados Árabes Unidos, ou de outros países, a subida dos preços da energia poderá ser suficientemente severa para obrigar as autoridades monetárias a repensar a trajetória das suas políticas.

Uma Economia Mundial Vulnerável

Os efeitos desta crise não se limitam aos custos da energia ou aos mercados financeiros. O comércio internacional já sofre com os efeitos indiretos: os custos de transporte marítimo subiram, os prazos de entrega alargaram-se, e há um nervosismo crescente em torno da segurança das rotas comerciais no Médio Oriente. O congestionamento logístico agravado pelos conflitos anteriores no Mar Vermelho e no Canal do Suez já tinha introduzido vulnerabilidades, agora exacerbadas pela incerteza no Golfo Pérsico.

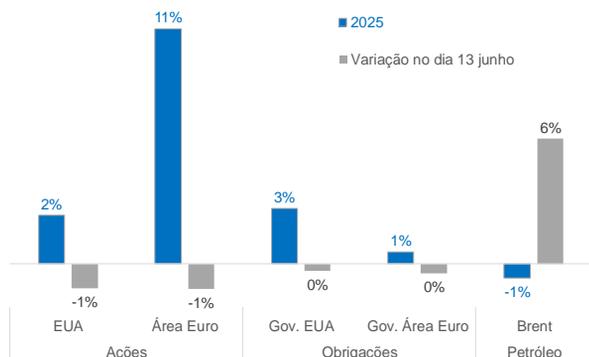
As cadeias de abastecimento de tecnologia militar e semicondutores, áreas onde tanto Israel como os EUA têm interesses estratégicos, poderão também ser afetadas, sobretudo se o conflito evoluir para um ambiente de sanções mais abrangentes que envolvam empresas chinesas ou europeias com ligações ao Irão. Além disso, há o risco de realinhamentos políticos de médio prazo. A Rússia, ocupada com a sua guerra na Ucrânia, mantém uma aliança pragmática com Teerão, mas evita compromissos que a arrastem para um confronto aberto. Contudo, para Moscovo, qualquer interrupção que eleve os preços do petróleo pode, paradoxalmente, ser vantajosa no curto prazo. No que respeita à China, mantém uma postura cautelosa, equilibrando a necessidade de estabilidade energética com os seus interesses estratégicos de longo prazo no Irão e no Golfo. Para Pequim, a continuidade dos fluxos energéticos é fundamental.

Impactos nos mercados financeiros

Os recentes desenvolvimentos no Médio Oriente traduziram-se num impacto nos desempenhos dos principais mercados financeiros que poderá ser considerado como relativamente contido, sendo sentido principalmente ao nível da cotação do petróleo. Embora seja um evento trágico e gerador de preocupações, não constitui propriamente uma novidade perante o historial de conflitos naquela região e, tal como outros confrontos militares, o seu efeito poderá ser temporário. A reação dos investidores assenta na perspetiva de que o cenário ...

... mais provável é o de o conflito permanecer controlado, com ataques limitados e retaliações calculadas. Neste contexto, os preços da energia mantêm-se voláteis, mas longe de máximos históricos, e os bancos centrais poderão manter o rumo esperado das suas políticas monetárias.

Desempenhos de Mercados Financeiros Seleccionados



Fonte: Caixa Gestão de Ativos

No entanto, o risco de escalada existe, com o conflito a intensificar-se, envolvendo ataques à infraestrutura crítica na Arábia Saudita, nos Emirados ou mesmo no Iraque. O petróleo possivelmente subirá para um dos valores mais elevados dos últimos anos e os bancos centrais poderão ter de lidar com o ressurgimento de pressões inflacionistas. Num cenário mais extremo, a escalada poderá, inclusivamente, resultar no bloqueio do Estreito de Ormuz, envolvimento direto dos Estados Unidos e possível alastramento a outros países da região, o que resultaria num choque petrolífero semelhante ao da década de 1970 como também poderia precipitar o mundo numa recessão global.

Em suma, os eventos do final da semana transata reforçam o foco dos investidores nos riscos geopolíticos, que não estão circunscritos à temática das tarifas no comércio externo, tornando imprescindível a monitorização dos seus impactos, a par da manutenção de uma abordagem cautelosa e sistematizada na gestão dos seus investimentos.

Este artigo foi escrito no dia 16 de junho de 2025.

Para além da Direção de Estratégia, contribuiu para a elaboração e revisão deste documento a Direção de Supervisão e Compliance.

Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A.

Sede Social: Av. João XXI, 63 - 1000-300 Lisboa

Capital Social € 9.300.000 - NIPC 502 454 563

www.caixagestaodeativos.pt

Esta informação é realizada com um objetivo informativo. Não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros, assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato ou investimento que possa ser realizado. Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Gestão de Ativos, SGOIC, S.A. (empresa do Grupo Caixa Geral de Depósitos) e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Gestão de Ativos, por perdas ou danos causados pelo seu uso.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

A presente informação não dispensa, de modo algum, a consulta dos Documentos Constitutivos dos Fundos disponíveis em www.cmvm.pt e www.caixagestaodeativos.pt.

Salvo autorização expressa da Caixa Gestão de Ativos, não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Gestão de Ativos, não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.



Caixa. Para todos e para cada um.



Caixa Gestão de Ativos